

MAIS ALTO



2ª SÉRIE
Propriedade da
COMUNIDADE DE
Vila Chã-Esposende

Direcção Pe. Matos
Colaboração dos JO-
vens

Nº 12-Dezembro
1977

Administração: Residência paroquial

P
E
L
A

Toda a gente conhece este adágio popular: "*Pela boca morre o peixe*". Ora é a partir deste "ditado" que hoje quero dar a lição. Dar a lição, não; apenas conversar um pouco com um grande número de pessoas que, mais por hábitos adquiridos do que por culpa própria, quase sempre que abrem a boca dão triste espectáculo de si próprias!...

E se estão no jogo da bola ou das cartas, na discussão da rua, no relato de peripécias inflamadas, ou a insultar os filhos? - É o fim.

B
O
C
A

Ninguém gosta que lhe chamem malcriado... No entanto, não falta por aí quem a todo o momento se denuncie como tal. Há pessoas que, de tão baixo que desceram nem sequer imaginam o triste espectáculo que dão. COITADAS !!!...

E quando é a própria mãe a chamar "*minha filha da p...*"? - Belo elogio! Sim minha senhora. Muitas vezes as pessoas andam enganadas sobre a sua honra e moral; pois quando são as próprias mães que dizem isso aos filhos ... pobres filhos que ficam a saber que mãe têm!...

Sim. É um horror a linguagem torpe, desonesta, malcriada.

MORRE O PEIXE ... (Cont. pag. 2)

da e obscena que certas pessoas usam quando tratam com os próprios filhos! E não sō...

Quando qualquer pessoa por descuido, ou por não notar a minha presença, me pede desculpa por algum palavrão que deixou fugir, eu quase sempre lhe digo que não ^{de} de que ser desculpada, que não se importe comigo, mas sim, deve respeitar as pessoas com quem está a falar, ou a quem se dirige malcriadamente. A essas sim, deve pedir desculpa. Aliás, e que isto fique bem claro, o palavrão não faz mal nenhum nem ~~tem~~ ^{traz} implicações, apenas denuncia e é um atestado da enorme falta de educação da parte de quem os profere. Há palavras -palavrões que entraram na gíria da linguagem que já fazem parte de certas camadas sociais, sem qualquer sentido malicioso. Isso não passa de uma coisa que uma pessoa polida no trato não diz. Outra coisa é usar tais obscenidades para insultar ou brigar com alguém (pode levar à guarda). Mais triste espectáculo porém, quando são criminosamente referidas a crianças, sejam ou não os próprios filhos.

Antigamente coravam os homens-homens, hoje nem as mulheres, e, até algumas meninas, coitadas (para serem chiques) tem um palavreado quando passam na rua e em casa que a todos envergonha. E vê-las juntas... ei-las que vão... ei-las que vem...

Meus amigos! Aqueles a quem este reparo se dirige, eu peço que tenham muito cuidado com a língua, pois se "pela boca morre o peixe" pela boca cada um mostra a sua boa ou má educação. Sejam educados, subam de nível ...

Por favor! Se não prezam a vossa honra e dignidade, pelo menos respeitem as crianças que não têm culpa dos vossos desatinos. Muitas já dizem como vós. Vã ... Vamos a fazer um esforço por melhorar essa linguagem! E lembrem-se que ninguém ganha nada em ser malcriado. O palavrão desonesto e obsceno diminui a nossa dignidade humana, para já não dizer cristã.

Quem não é limpo nas palavras manifesta grande dose de incultura, subdesenvolvimento, ignorância e pouco domínio si mesmo. E acima de tudo

6
P
E
L
A
B
O
C
A
M
O
R
R
E
O
P
E
L
E

Vós os mais crescidos que já assististes a essa lenta e dolorosa transformação da crisálida (juventude) em borboleta (adultos) sabei dar-me razão se eu disser que a educação, hoje, consiste ainda e sempre em estar presente, em escutar, em responder a perguntas, com bom senso e justiça, mesmo se isso for difícil.

Os conflitos entre os jovens engendram muitas vezes conflitos entre os pais. Este irrita-se e indigna-se, aquele pretende fazer prevalecer a opinião. Vencendo estas tentações, persiste o clima de confiança, a razão vai pouco a pouco dominando e tendo o peso, tudo reflectido, os jovens tomam por si mesmos a decisão que julgam ser a melhor. A vida é esta sucessão de factos, de encontros, de sentimentos que se descobrem e atam e se desatam.

Terão os adultos tarefa a desempenhar no sentido de inculcar a lucidez, sem a qual não se constrói nenhuma felicidade duradoura. Podeis não vos ter apercebido, mas a juventude educa-se principalmente pelas vossas achegas e mais ainda pela experiência dos seus próprios sentimentos postos à prova. E o que podereis vós fazer pela felicidade dos vossos jovens senão ensinar-lhes a reflectir? Reflectir antes de amar e não depois. Muitas vezes eles estão já aptos para essa sabedoria quando tiverem sofrido com uma primeira experiência que os tenha instruído. É certo que especialmente as raparigas encontram, ou pensam ter encontrado muito cedo aquele que se tornará

QUE TODOS POSSAM VER-TE

Ó Cristo,

como é incrivelmente grande o que recebi,
e como é insignificamente pequeno
o que tenho a sacrificar!

Deste-me esta solidão da qual não posso evadir-me
para que me fosse mais fácil entregar-te tudo.

Que o teu nome seja santificado,
e não o meu.

Que o teu reino se estabeleça,
e não o meu.

Que a tua vontade se faça,
e não a minha.

Tu, que estás acima de tudo,

mas que és também um de nós,

tu, que estás também em nós,

peço-te que todos possam ver-te em mim também!

Possa eu preparar o teu caminho,

possa eu agradecer-te por todos os dons,

possa eu nunca esquecer as necessidades dos outros...

Guarda-me no teu amor,

assim como queres

que todos sejam conservados no teu amor.

Alegro-me por que Deus

se quis servir dos meus esforços

para realizar a sua obra.

Não eu, mas Deus em mim.

DAG HAMMARSKJOLD

antigo presidente das Nações Unidas

(Continua na pag. 4)

4 PÁGINA JUVENIL

(Continuação da Pag.3)

o seu marido; no entanto para a maioria o caminho que conduzirã ao casamento estã marcado por alguns esboços senqimentais, bem diferentes do "flirt" sem amanhã .

Se tiverem a ventura de ter pais realistas e compreensivos saberão que não podem exigir sem mais nem menos a escolha definitiva pois lembrar-se-ão da sua juventude. Especialmente quando se é novo o coração engana-se.

É preciso que os adultos e especialmente os pais estejam mentalizados para aceitarem certas atitudes das filhas. Se, e exemplificando, elas decidirem levar o namorado a casa. Será errada psicologicamente se a partida a resposta for negativa. Isto obriga-lã a encontrã-lo em qualquer parte, mas preferiria apresentã-lo, não tanto para prender, isto nunca deve ser, aquele que tinha sido o seu eleito, mas para ter opinião de adultos amigos.

Podem considera-me ultrapassada aqueles pais que entregam as rēdeas às filhas ainda mal saídas da adolescência. Naturalmente, e isso alegro-me, hã ainda outros que tendo outras ideias sobre as responsabilidades julgam que tanto as raparigas como os rapazes antes de se dirigirem por si mesmos têm necessidade de uma firmeza compreensiva e esclarecida. SE seguem a sua cabeça desde a mais tenra idade estarão construindo um longo cortejo de choques, de ilusões e erros tantas vezes irreparáveis.

É preciso dizer não às leis rígidas. Que os factos se sucedam e encadeiem para uma educação harmoniosa. Não se esquematizarã uma tãctica. Tanto a rapariga como o rapaz ao qual foi negada a sua apresentação, seguirão agora a inspiração ditada pelas circunstâncias e tudo se passarã com a maior naturalidade deste mundo.

O rapaz passarã a ser recebido cordialmente, a sentir-se a vontade e a consciencializar-se do modo de se conduzir. Neste "tempo" eles aprenderão a conhecer-se. Ficarão amigos, desligar-se-ão? Pelo menos lealmente um e outro terão permitido que possivelmente deabroche o amor.

L. J.

- NÃO QUERES TER UMA OPORTUNIDADE DE SERES ÚTIL ?
- SIM, QUERO.
- ENTÃO TRABALHA E ESCREVE PARA O "MAIS ALTO". SE ÚTIL.

Hoje vamos tentar dar uma breve explicação como funciona um Jardim Infantil no referente às salas.

-Como são as salas? Iguais às da Escola Primária?

-Não.

As salas da Escola Infantil são divididas em cantos e cada canto tem as suas funções próprias. Assim inicialmente as salas têm como cantos fundamentais os seguintes:

Cozinha das bonecas (cozinha e quarto das bonecas), construções, desenho, colagem, e canto de leitura.

Começemos pela primeira.

COZINHA DAS BONECAS

Este canto proporciona à criança a imitação da vida real.

É um canto de grande importância já que dá possibilidades à criança de imitar o adulto noemadamente nos trabalhos caseiros. A imitação do adulto no desenvolvimento é de grande importância pois é pelo adulto que a criança vai formando a sua personalidade.

Aqui lembramos a responsabilidade que o adulto e a sociedade têm na formação da criança.

Num canto como este a criança não só brinca, mas mais que isso, a criança trabalha e o seu trabalho é mesmo sério. Por este duplo aspecto -jogo-trabalho - nós as educadoras a influência do ambiente familiar.

Para todo este trabalho é preciso material que grande parte dele nós improvisamos, como lareira, bancos, cama, armário, etc.

CONSTRUÇÕES

Neste canto há grande variedade de material quase todo improvisado (caixas, tábuas, pneus, pedras, boçalhos, latas de laca, etc.) material esse que dá possibilidades à criança de dar largas à sua imaginação, criatividade, habilidade manual e por conseguinte m desenvolvimento profundo da inteligência.

DESENHO

Este canto prepara a aprendizagem da escrita. A criança nestas idades ainda não sabe pegar num lápis, ora é através deste canto que tem possibilidades de pegar num lápis e pouco a pouco aprenderá a pegar correctamente nele.

Ainda é através do desenho que a criança descobre o traço e lentamente o vai aperfeiçoar. Por volta dos 7/8 anos adquire a escrita. Para além destes aspectos, o canto do desenho desenvolve a criatividade, imaginação e destreza manual.

(Cont. na pag. 7)

Tomada de posse do senhor Arcebispo Primaz

Os jornais noticiaram. O Sr. Arcebispo Primaz toma posse no dia vinte e sete de Outubro. Para a celebração apenas os convidados, os capitulares, os dignitários e os arcepresbiteros. - Sempre as mesmas exceções. Conhecem-se telegramas de felicitações. - Sempre as burocracias.

O que é certo é que D. Eurico tomou mesmo posse no dia 27, como Arcebispo da velha arquidiocese de Braga. O que para muita gente, mesmo católica nada significa. Toda a gente sabe que para assegurar a unidade da fé e doutrina da Igreja Universal há uma hierarquia: Papa - Bispo - Pároco - Povo de Deus. O bispo será pois o elo de ligação entre o Papa e os Párocos-Povo. Porém, esta ligação parece não ter andado muito bem. E, enquanto o Bispo é conhecido do Papa, este não é conhecido pelas comunidades - povo, embora os párocos possam ter dele um certo conhecimento. Não acredito pois, como li em determinada imprensa que as comunidades tenham sentido grande regozijo, ao saberem do novo Bispo. Como? - Se não o conhecem. Como? - Se nada fizeram para que fosse este ou aquele? Como? - Se não tinham ainda sentido a falta do outro.

Mas o nosso Bispo apareceu. Nos primeiros tempos do Cristianismo eram as comunidades que elegiam o seu Bispo. Agora, a diplomacia-burocrática que também contaminou a Igreja Hierárquica criam sigilo à volta dum assunto que deveria ser tão natural e familiar.

O Bispo é imposto pelas altas esferas. Não sei se ainda se pede autorização ao poder civil - por vezes sem fé nem religião. O povo continua a ser "Zé" também na Igreja e por isso tanto lhe faz que seja António como Miquelino. Apenas "alguns" padres conhecem com antecedência a meada. Assim surgiu o D. Eurico em Braga que não deve ter culpa nenhuma em ter sido enviado para cá, a quem eu saúdo, como católico, respeitosamente.

Antes da sua nomeação pairava a pergunta: - Quem será ele? Um homem "romano - bem romano" ou... D. Eurico bispo rodado, mas parece que não arrumado, é o homem de quem muito se espera para uma transformação cristã da nossa Arquidiocese. O Vaticano II, pese a muitos, ainda cá não chegou e não esqueçamos, porém, que já se fala na necessidade do Vaticano III.

Se quisermos dar Deus ao mundo urge que a Igreja procure adaptar-se aos homens do tempo que passa. Urge que o Bispo não seja mais o escravo do seu paço, mas que venha às comunidades, não em dias de festa porque isso é ilusão, mas em qualquer dia, ouvindo os seus queixumes, auscultando as suas ansiedades, celebrando para o povo, o seu povo, a Eucaristia, participando em celebrações penitenciais, etc. Urge que se desfaça, de uma vez para sempre, a ideia de que o Bispo é o homem que manda nos padres (essas ideia a mim

(Cont. na pag. 8)

"MAIS ALTO" continua a ter amigos, e, com eles e só por eles, consegue viver. Espera "MAIS ALTO" que de algum modo tenha ajudado a todos.

Com 30\$00 - Manuel Gonçalves da Silva.

Com 40\$00 - Família da Silva Fernandes e Albino Pires

Com 50\$00 - Saladina da Silva, Ilda Marques, Manuel Cabreira da Silva, Alfredo Luis Pires.

Com 80\$00 - Manuel de Lemos.

Com 100\$00 - Quintino Fernandes Couto, António Boaventura Pires, José da Silva Brás, Ramiro da Silva Martins, Valentim de Lemos Brás, Manuel Gonçalves Roças, António do Bento Queiroz, José Dias de Boaventura, José Maria Pimenta Pires, Manuel da Silva Marrucho, António Jorge Junior, Almerinda de Sã Ramos, Arlindo Fernandes, Manuel da Costa Neiva, Albino Abreu da Silva, Anónimo.

Com 150\$00 - Manuel Afonso dos Santos, Aurélio de Sã Ramos, Albino José Neto.

Com 180\$00 - Manuel Couto Baltazar

Com 200\$00 - Manuel António Pires, Manuel Barbosa Brás, António Barbosa Baltazar.

Com 250\$00 - Maria Alice Ferreira Fernandes.

Com 300\$00 - Manuel Boaventura da Silva

Com 500\$00 - Manuel Lima Branco

A todos muito obrigado.

JARDIM-INFANTIL

(Cont. da Pág. 5)

COLAGEM

Neste canto aparece grande diversidade de material (sacos de açúcar, folhas, centeiras de cigarros, etc.) com o qual a criança faz trabalhos desenvolvendo-se tanto no aspecto motor sensorial como a nível de inteligência geral.

CANTO DE LEITURA

Neste canto a criança toma contacto com livros ilustrados adaptados ao meio. Como é obvio é de extrema importância para o desenvolvimento da mente da criança e do amor pelos livros nomeadamente a ânsia pela leitura.

Outros aspectos serão apresentados oportunamente.

Teresa e Mila

Os meninos tiveram pena de cortar todas as flores e todas as laranjas mas o que era melhor era arranjar dinheiro para a casado velhinho. Assim os meninos arranjaram dinheiro para consertar a casa do velhinho que ficou muito satisfeito e todas ficaram muito contentes e muito amiguinhos.

"FAGULHA"

Então gostaram?

Agora vou ensinar-vos uma lenga-lenga.



Névoa, névoa, névoa
Vai para trás daquele outeiro,
Que está lá o João moleiro
Com uma espada de cortiça
Para matar a carriça.

A carriça deu um grito
Que se ouviu em Santo Tirso,
Todo o mundo se espantou,
Só uma velha escapou
Embrulhada num sapato,
A correr atrás dum gato.

NOVO ARCEBISPO (cont.)

nunca me preocupou) a quem os cristãos, (bons cristãos?) vão levar as queixinhas. Urge que o Bispo defina uma pastoral sacramental capaz de consciencializar e não um distribuir Sacramentos em quantidade ou a inconscientes. A propósito, que sentido tem o Sacramento da Confirmação aos 7 anos, quando nunca deveria ser ministrado antes dos 17? Que soldados de Cristo? Urge uma mudança de estruturas, uma promoção do cristão.

É necessário acompanhar o ritmo da evolução, um Bispo atento aos problemas humanos também dos padres, para que não continuemos a assistir ao triste espectáculo de ver os mais novos, mais inteligentes, a abandonar o se minus por não quererem servir uma Igreja que não é de Cristo. Um Bispo atento, capaz de dialogar, clero e leigos, para que todos possam sair da frieza em que se encontram.

É pena que a hierarquia ainda não tenha sentido isto, ou então, se já o sentiu, não tenha coragem de quebrar com laços do passado e se volte resoluta para o futuro. Quando se resolverá a Hierarquia a confiar no Espírito Santo que também está no Povo de Deus?

Eu sou a Lili e hoje vou ensinar-vos uma linda história.

Ora prestem atenção.

AS TRES CASINHAS

Havia numa aldeia três casinhas e to das diferentes:

Uma era de rosa com olhos verdes; Uma branca de olhos azuis e chapéu vermelho.

A outra era castanha, mas só tinha um olho e um chapéu, de lata ferrugenta e rota.

Quando chovia a água entrava lá dentro.

As outras fechavam os olhos, mas a castanha só tinha um olho e nunca o fechava.

Na cor de rosa vivia uma menina loirinha.

Na branca um rapaziño muito desembaraçado.

Na castanha um velhinho já muito doente.

Depois de uma noite de Inverno em que chovera muito amanheceu um dia lindo cheio de sol.

Os dois meninos como eram muito amiguinhos foram correr e brincar para o jardim.

O velhinho veio sentar-se à porta para se aquecer e enxugar porque a chuva

lhe tinha molhado os sapatos.

Os dois meninos ao passarem, olharam para o velhinho e viram que ele estava muito triste e um pouco molhado.

Queriam oferecer-lhe qualquer coisa. Puseram-se a pensar.

A menina foi ao jardim e tirou uma flor muito bonita.

O menino foi ao pomar e trouxe a laranja maior que tinha.

Vieram os dois entregar ao velhinho que ficou muito contente.

Os meninos vieram para casa e pensaram muito na situação do velhinho.

Tinham medo que chovesse novamente, começaram a pensar e viram que o que se-

ria melhor era arranjar a casa do velhinho.

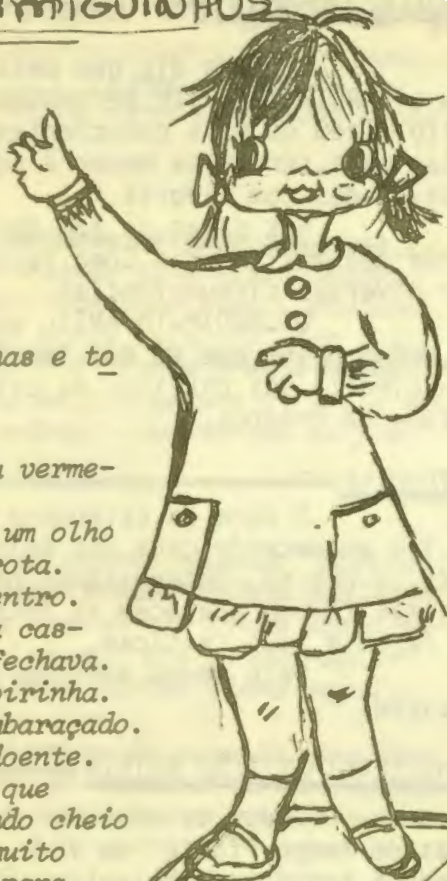
Mas não tinham dinheiro.

A menina foi para casa e, teve uma ideia.

No dia seguinte pela manhã cedo, foi ao jardim e cortou todas as flores e foi vendê-las à praça.

O menino teve a mesma ideia, apanhou as laranjas, e também as foi vender.

(Continua na pag. 8)



JARDIM INFANTIL

Em cada dia que passa os meninos e meninas que frequentam o JARDIM-INFANTIL se sentem melhor. No nosso tempo não havia disto, dizem os mais conscientes. De facto já são menos inibidos, falam mais, sentem-se mesmo à vontade e vão trabalhando nas suas actividades com alegria.

Nas salas já têm dois aquecedores, mas reconhecemos que ainda são muito frias. Como resolver o problema? Estamos limitados por diversas circunstâncias.

O JARDIM-INFANTIL não pode ser esquecido pela comunidade, mesmo pelos que aí não têm filhos. É necessário que todos tomem consciência dos direitos da criança e pensamos numa associação dos amigos da criança.

CATEQUESE

A obra da catequese paroquial vai funcionando normalmente. Vão aparecendo, cada vez mais, pessoas conscientes e responsáveis. Pais, e não sô, interessados na educação cristã e humana dos pequenos, mas também aparecem os inconscientes e irresponsáveis. Os que nada fazem e tudo criticam.

Pelo menos definem-se campos de acção e radicalizam-se posições.

CONSCIENCIALIZAÇÃO CRISTÃ

Todos os anos, por ocasião do Natal, costumamos ter uns dias de tempo "forte" na vida cristã da comunidade. Este ano, não seguindo a regra, teremos entre nós, do dia 19 a 23 de Dezembro, o Rev. Padre Pinto, da Congregação do Espírito Santo, que nos vai ajudar a reflectir sobre a nossa missão de cristãos no mundo.

Todos terão uma oportunidade: Jovens, solteiros, casados, crianças e adultos.

Não feches os teus ouvidos à voz do Senhor.

O programa será anunciado oportunamente. Até lá trabalha e reza.

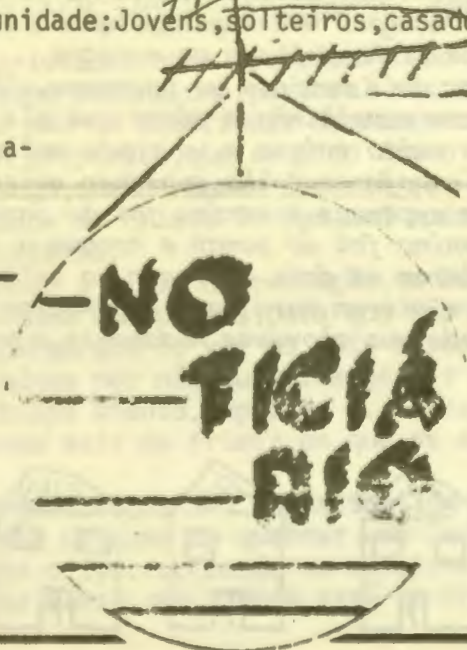
OBRAS

A estrada do Sobreiro vai avançando. Já se encontra muito perto do seu encontro com a Estrada de S. Lourenço.

O piso ficará em asfalto. Fazemos votos que seja por muitos anos. Para isso requer-se honestidade da parte do empreiteiro e trabalhadores. Esperamos que sim.

EMIGRANTES

Já começaram a chegar, para passar férias. Felicidades.



(CONT. DA PAG. 12)

ainda conserva a camisa de linho fino ou estopa, bordadas no peito.

TRAJO DA VIÚVA

Quando o marido morria a viúva deixava de usar o saiote vermelho, tingia a camisa de preto e quando ia à missa levava pela cabeça uma saia preta geralmente bastante rica, bordada com laçinhos e uma fita de seda no bordo enfiada. Iam assim durante o primeiro ano e no ano seguinte punham a saia pelas costas. Passados dois anos deixavam a saia e usavam o xale preto pelas costas e lenços pretos na cabeça e assim até ao fim da vida.

TRAJO DO VIÚVO

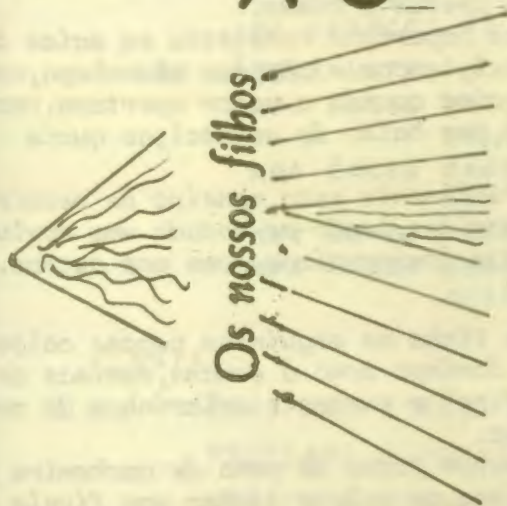
Logo que a mulher morria punha um capote chamado "barino". Estes barinos, eram de duas espécies, uns tinham folhos nas costas, outros tinham capuz. Aqueles cujo barino não tinha capuz, punha um lenço preto na cabeça e iam à missa até ao dia das "obradas", sete dias mais tarde. Aquele cujo barino tinha capuz punha-o na cabeça também durante sete dias..

Posteriormente o vestuário era o mesmo do passado, como casado excepto as camisas em que o pano de "zefire" do peito, colarinhos e punhos passavam de branco a preto. Usavam também meias de lã de ovelhas pretas.

Eis em traços breves uma abordagem aos trajes usados outrora em Vila Chã.

M.A. PENTEADO NEIVA

ÀS MÃES



A EDUCAÇÃO dos filhos é um dos problemas que mais preocupa os pais de hoje. Em Vila Chã, devido ao fenómeno "emigração" é a mãe que mais ligada se encontra a estes problemas.

Na intenção de as ajudar, uma Equipe de Educadoras de crianças, irão promover uma série de encontros para as mães, a partir de Janeiro.

Não estás interessada? Não deixes escapar a oportunidade. É só para teu bem.

TRAJOS DE VILA CHÃ

De região para região, os trajos vão-se modificando havendo diferenças de cores, feitios e tecidos. É próprio de uma aldeia minhota o uso de trajos garridos, onde a mistura de cores, mostra a alegria e a juventude e ao mesmo tempo, o uso de trajos pretos para demonstrar tristeza.

desçamos agora ao pormenor e apresentemos a roupa de cada grupo.

TRAJOS DAS RAPARIGAS

É nestes onde podemos admirar a alegria e o colorido dos trajos que denotam uma juventude aldeã simples. Hoje porém muito pouco resta da tradição. Senão vejamos:

O trajo domingueiro das raparigas era constituído por: saiote vermelho, avental de veludo preto, faixa larga à cinta, um colete e por baixo deste usavam uma camisa bordada na gola e nos punhos. Usavam também saia especial, mas esta só era usada quando chegavam à romaria, levando-a nos braços para a não sujarem. Um dos objectos que nunca podia faltar pois fazia parte de um jogo de namorados, era o vistoso "guarda-sol" ornamentado na cacheira, com ramos de cravos e alfáfega. Este termo "guarda-sol" é o mesmo que ainda hoje se usa para designar o "guarda-chuva".

Ao domingo as raparigas tinham o seu divertimento que consistia no jogo da "pela" que consistia no seguinte: havia um campo, escolhiam-se as equipas, dividia-se o campo e atiravam-se as "pelas" contra o adversário. As "pelas" eram bolas de trapos, cobertas com lã sobre a qual se faziam bordados. Nestes bordados havia rivalidades, pois todas as raparigas queriam apresentar a mais bonita "pela". Para o jogo equipavam-se assim: saiotes vermelhos, colete, camisa bordada, faixa à cinta e lenços garridos atados por cima na cabeça.

Na quaresma não usavam o saiote vermelho mas saias pretas e ao domingo também levavam saias pretas à missa.

O trajo de trabalho das raparigas consistia em saias tecidas com lã de ovelha e um avental, lenços e chapéus na cabeça, com grandes abas, atando o lenço para cima quando o calor apertava. Usavam ainda umas algibeiras à cinta, por baixo do avental, as quais eram bordadas.

Hoje não se encontra facilmente esta maneira de vestir, nem mesmo restos destas roupas garridas, tendo-se notado uma evolução bastante acentuada tanto nos trajos domingueiros como nos outros.

TRAJO MASCULINO

O vestuário dos homens tinha as seguintes peças: calças de lã, estas eram usadas tanto ao domingo como à semana, camisas de estopa com peitos de pano de "sefire" e punhos e colarinhos do mesmo pano, colete e chapéus de aba larga.

Os mais ricos, porém usavam fatos de pano de cachemira preta e o forro de de quartos vermelhos, as calças tinham uma fivela e as camisas eram de linho em vez de estopa. Este trajo ainda há quem o conserve, mas não o use. O trajo da RONDÁ FOLCLÓRICA DE VILA CHÃ

(continua na pag. 11)